

Performance de Sarney dá rumo à sucessão

Se fracassar, o Presidente contribuirá para o crescimento das forças de esquerda

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

A decisão da Constituinte em assegurar a Sarney o mandato de cinco anos contribui para que seja iniciado o processo de definição das forças políticas que se alinham tendo por objetivo principal a sucessão do atual presidente da República. Se conseguir realizar obra razoável de saneamento da economia, preparando o País para crescer no mandato de seu sucessor, Sarney poderá influir na sua sucessão. Se não conseguir, perderá condição de influir, deixando de ser importante até como alvo dos litigantes.

A primeira força que se firma é a do partido a ser organizado pelos dissidentes do PMDB, os chamados históricos, tendo como carro-chefe o senador Mário Covas, com idéia um tanto romântica de reconstruir uma alternativa social-democrática para o País; a segunda é Leonel Brizola que poderá crescer ou diminuir, dependendo do desempenho de Sarney; e a terceira força é representada pela centro-direita, que iniciou um namoro com o populismo matreiro de Jânio Quadros.

ALINHAMENTO DE FORÇAS

A primeira força que poderá ou não influir na batalha da sucessão presidencial, em 1989, é o governo. Tudo vai depender do melhor ou pior desempenho de Sarney. Se ele conseguir sanear a economia e preparar o País para crescer sob o comando do novo presidente, credencia-se a ter influência importante na escolha de seu sucessor.

Do contrário, amargará uma posição tão difícil que deixará de ser alvo dos candidatos à sua sucessão por se tornar absolutamente dispensável atirar pedras em telhado de vidro estilhaçado.

A segunda força, que se fundamenta na liderança do senador Mário Covas e em seus crescentes índices de popularidade, é o partido que os dissidentes do

PMDB já começaram a organizar, animados pela idéia, sem dúvida romântica, mas fascinante de reconstruir uma alternativa de social-democracia com inclinação para posição de cento-esquerda.

O grande núcleo em que se baseia esse movimento é São Paulo, hoje pólo de irradiação de novas idéias e acontecimentos políticos. Os dissidentes jogam com a perspectiva de ter Covas na linha de frente, com ampla superioridade moral, intelectual e política sobre a liderança que combate em São Paulo — a do governador Orestes Quêrcia.

A esperança desse grupo é a de atrair imensas parcelas da população, ainda perplexa e decepcionada com a Nova República. Desejam mobilizar esse capital, abrindo nova fonte de esperanças na exploração da imagem de um político que cresceu com o seu comportamento na Constituinte, ao mesmo tempo em que materializam Sarney com a marca da traição aos ideais com que a Nova República acenou para o País.

Contam em crescer a partir da poderosa base paulista, onde Covas tem raízes densas e profundas e onde Leonel Brizola nunca conseguiu penetrar. Os dissidentes jogam suas esperanças em se transformarem na grande opção oposicionista do País, com uma proposta de reformismo social sem a marca do populismo e do caudilhismo.

E o PMDB, como ficará, qual a sua face, qual a sua imagem depois da importante depuração que sofrerá em seus quadros, perdendo alguns de seus membros mais populares e expressivos?

O PMDB começa a dar um mergulho nas tradições do antigo Partido Social Democrático, o velho PSD, que teve tanta importância durante a vigência da Constituição de 46. No PMDB militam alguns dos quadros dos quadros hoje mais relevantes do extinto PSD inclusive o veterano Ulysses, o ministro Renato Archer, o governador Waldir Pires, o deputado Cid

Carvalho, hoje transformado numa espécie de ideólogo do grupo (Ulysses o chama de "nosso teólogo, dom Leonardo Boff").

O PSD era fundamentalmente uma confederação constituída de governadores, com raízes eminentemente rurais, e era a partir dessa base que o PSD tirava a sua fonte de poder. Seu jogo era eminentemente o do poder sem qualquer compromisso maior com ideologias. O PMDB, ao contrário, tem nos grandes conglomerados urbanos a força de sua imagem.

A grande semelhança do PMDB de hoje com o PSD do passado é que a força desse partido, que teve tanta influência na revogação do sistema militar, é uma confederação de governadores, que o alimenta e que é infinitamente mais forte e expressiva do que aquela em que se baseou o PSD, partido que nunca teve pouso em São Paulo, onde era sistematicamente repellido.

O PMDB, segundo seus principais líderes, pretende comparecer à Convenção Nacional prevista para o dia 21 de agosto com um objetivo essencialmente pragmático. O partido pretende partir dessa realidade, a de que resulta do apoio da mais importante confederação de governadores que um partido conseguiu reunir no Brasil. A preocupação de seus dirigentes será "fazer o seu recheio e o seu cenário".

A cúpula do partido tem consciência de que as condições sócio-econômicas do Brasil sofreram profundas transformações do governo de Juscelino Kubitschek até hoje. A grande marca do Brasil de hoje é a sociedade urbana, que não tinha ênfase naquele período. Logo, o PMDB tem consciência de que, embora tenha como matéria-prima essa confederação, precisa do recheio de uma mensagem político-social para sustentá-la e dinamizá-la.

Preservar a alma do partido, que se constituiu numa mensagem social reformista, é a grande preocupação daqueles que pensam o futuro do PMDB e sua sobrevivência. Não é outra a ra-

zão por que uma Convenção Nacional partidária nunca mereceu tanta atenção, tantos cuidados, como a que o partido pretende realizar no dia 21 de agosto vindouro.

E esta foi a razão maior que justificou o adiamento do evento, antes previsto para o dia 5 de junho passado. Como dizia-nos um dos principais líderes do partido, adiou-se a Convenção "para que ela não fosse simplesmente palco de querelas e o cenário ideal para a desmoralização sistemática do mito que o partido julga possuir".

— Tiramos o tapete sob os pés dos dissidentes, desarmando o palco sobre o qual eles queriam fazer a sua festa — dizia-nos um dos políticos mais importantes que cercam Ulysses. A quarta força é encarada, sem dúvida, por Leonel Brizola. Brizola já havia compreendido que a campanha pelos quatro anos de mandato não correspondia ao eixo dos seus interesses.

Leonel Brizola compreendeu, astutamente, que a vitória do mandato de quatro anos seria o fator de unidade do PMDB. Consciente como é de que seus interesses políticos passam pela destruição desse partido ("o PMDB é a cobra cuja cabeça precisamos esmagar"), Brizola manteve posição meramente retórica, porque seu interesse movia-se em outro sentido.

No verdade, o político gaúcho assumiu posição de realce na batalha contra a implantação do parlamentarismo, que chegou a despertar entusiasmo no PMDB e em amplos setores da Constituinte, não propriamente para acudir o governo do sr. José Sarney, que foi convertido no alvo principal dos parlamentaristas.

Seu interesse era preservar intacto o centro do poder onde pensa chegar fatalmente por designio da Providência, como homem predestinado que julga ser. E nessa cruzada se uniu tranquilamente ao governo, à alta hierarquia militar e ao Centrão, sem qual-

quer constrangimento, para quebrar o impulso da esquerda do PMDB e dos partidos periféricos.

As eleições presidenciais descasadas representam o grande trunfo com que o brizolismo sonha conquistar a maioria absoluta de votos para galgar a rampa do Palácio do Planalto, em 89 e 90, porque é assim que ele pensa aguçar o combate de todas as forças ao inimigo comum, o PMDB, colocando esse partido em condições desvantajosas para disputar o voto nas grandes concentrações urbanas representadas pelas capitais.

Brizola joga com maestria na cooptação dos setores em conflito no PMDB, bastando lembrar recente conclamação do deputado Fernando Lyra para que os colegas do PMDB ingresassem logo no PDT — e não no ano de 89.

Finalmente, a quinta corrente, importante pelo peso que seus integrantes detêm na chamada classe dirigente do País, é representada pelas forças liberais de direita congregando os segmentos janistas e a ativa UDR. Diante do retumbante fracasso da Nova República, esses núcleos conservadores estão animados pela idéia de apresentar à Nação a opção do conservadorismo com penetração na massa popular, anties-tatizante e modernizador, sintetizado nas simples figuras de Jânio Quadros e Ronaldo Caiado.

Dentro desse quadro de conflito é que se situa o Governo Sarney. Se lograr a reabilitação perante a opinião pública e recuperar, pelo menos, parte do grande prestígio que teve com o Plano Cruzado, terá peso importante e até decisivo no desfecho da disputa pela sua própria sucessão. Se fracassar, ficará à margem, não sendo nem mesmo o alvo principal dos ataques das forças em disputa. A grande pergunta é se Sarney terá condições de reverter uma imagem deteriorada, em apenas 17 meses de governo, o tempo justo que nos separa das eleições de 15 novembro de 1989.